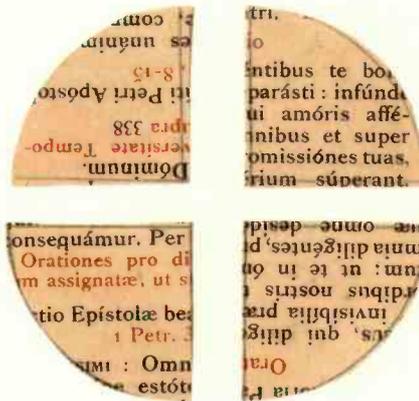


LUÍS AUGUSTO CASSAS

EVANGELHO DOS PEIXES PARA A CEIA DE AQUÁRIO



A REVOLUÇÃO DA COMPAIXÃO NA ÁGUA LUMINOSA DE CASSAS

Leonardo Boff

Esta obra poética de Luís Augusto Cassas é originalíssima! Fala do Evangelho como boa notícia, usando dois códigos só possíveis em nosso tempo: o código do inconsciente coletivo, onde vivem os grandes arquétipos que são os sonhos ancestrais da humanidade; e o código da astrologia, que fala das Eras de Peixes e de Aquário, este também um código dos grandes símbolos arquetípicos da humanidade.

Quando se fala de peixes, não se pensa em peixes, mas no seu significado simbólico. Peixes está no lugar do espírito de doação irrestrita, do amor incondicional e da compaixão, espírito este que encontrou no Cristo da fé sua suprema expressão.

Agora estamos deixando Peixes, sem perder nada de seu valor perene. Entramos em Aquário, o repositório de todas as águas, aquelas que tudo geraram e de onde veio também a vida. A vida quer mais vida. Por isso Aquário representa a solidariedade universal, caminho que leva à plena realização o processo da individuação humana. Unindo Peixes com Aquário, encontramos aquilo que Luís Augusto chama, com razão, de “a revolução da compaixão”. É o tempo a se inaugurar.

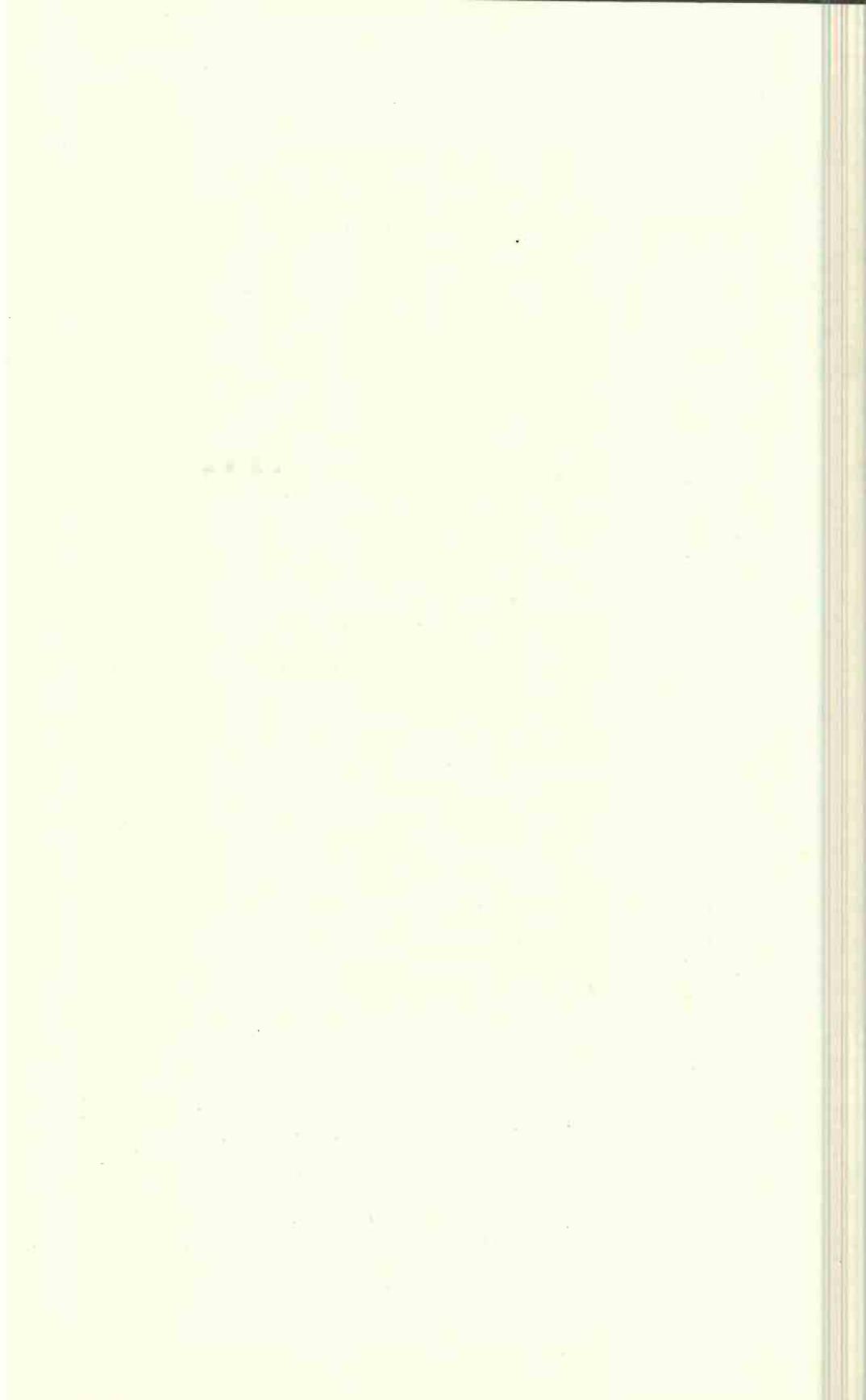
Sua poesia e suas metáforas devem ser entendidas neste transfundo mítico-simbólico-arquetípico. A mensagem nasce da ecologia profunda e espiritual: “*agora dai notícia ao povo / quem não assumir o lado peixe / não nascerá de novo*”. Num outro momento, interpela: “*lavai as águas humanos / santificai o profano / seremos o que sempre fomos / gotas do mesmo oceano*”. Ponto alto de sua produção poética é seguramente o “Elogio da Delicadeza”: “*Onde encontrá-la? / Está não estando / — cuidando dos filhos — / (...) com suas mãos de fada / jamais nos fascina: / alivia-nos a queda / reenvia-nos pra cima*”. O sonho final deste evangelho se traduz nesta conclamação: “*afogai em lágrimas / os sonhos de guerra / transmutando em água / o sangue da terra / desfraldai às eras / a terra prometida / com o sal da terra / e a água da vida*”.

Seu discurso poético revelando universalidade, vem revestido com os peixes, as águas, os rios e o universo ecológico do Maranhão, conferindo especial singularidade ao seu texto, conjugando, com felicidade, o local com o global.

Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário

Ào poeta
João
Feitosa,
este etc etc (just),
an o conico
de
[Signature]

56
88
12



Luís Augusto Cassas

**Evangelho dos
Peixes para a Ceia
de Aquário**

IMAGO

Título Original:
Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário

Copyright © Luís Augusto Cassas, 2007

Capa: Julio Moreira

Ilustração da Capa: Jesus Santos

Revisão: Pe. Lauro Palú

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C336e Cassas, Luís Augusto, 1953-
Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário
/ Luís Augusto Cassas; [prefácios de Paulo Urban e
José Mário da Silva]
— Rio de Janeiro: Imago, 2008.
116 pp.

ISBN 978-85-312-1022-8

1. Poesia brasileira. I. Título.

07-4059.

CDD — 869.91

CDU — 869.134.3 (81) — 1

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora. Os direitos morais do autor foram assegurados.

2008

IMAGO EDITORA
Rua da Quitanda, 52/8º andar — Centro
20011-030 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

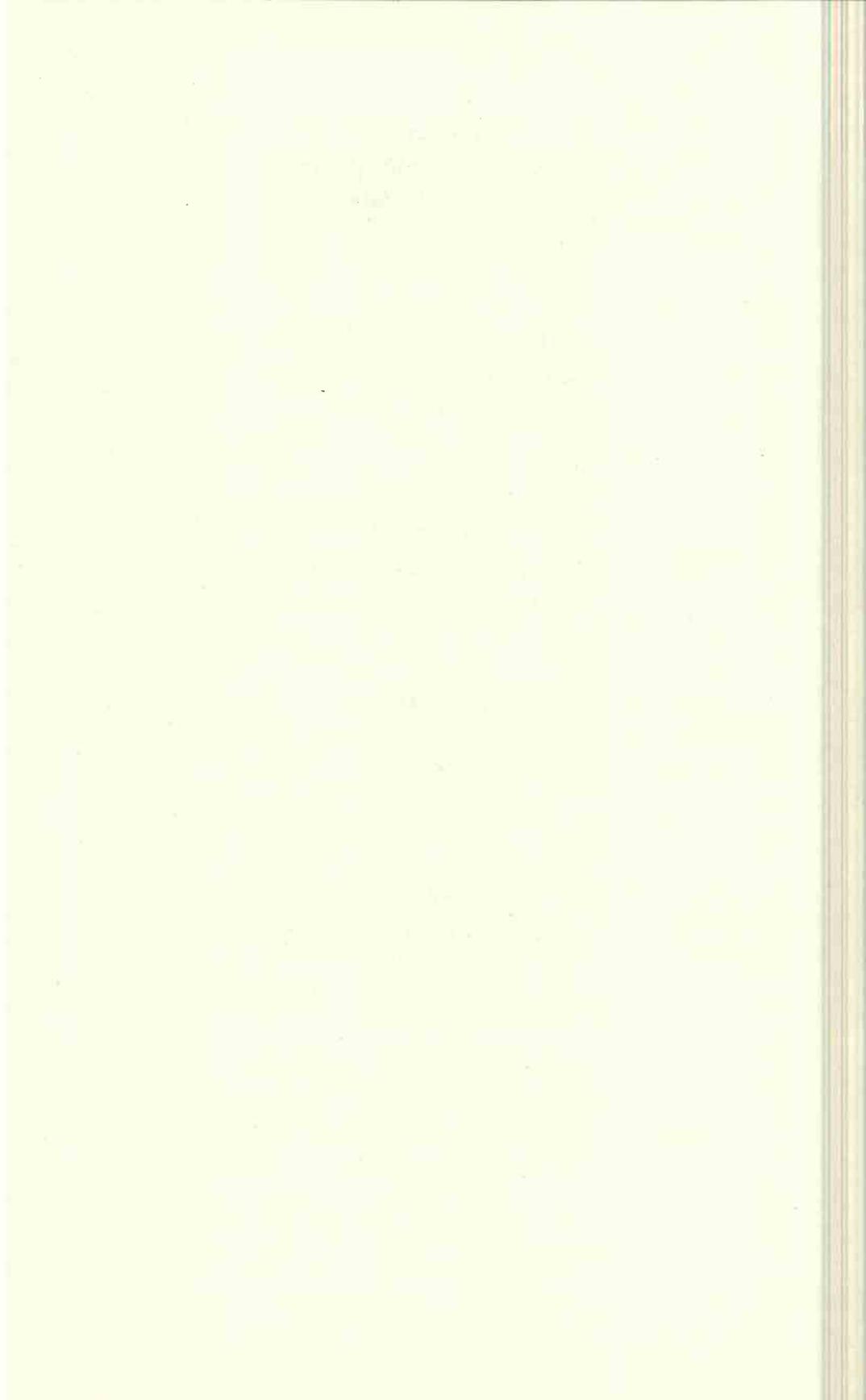
ao espírito
que me faz caminhar
sobre as ondas

aos frios e quentes
secos e úmidos

a lílian martins
pela arte de
oxigenar o mar morto

a ana carolina
gota
de água-viva

a gabriel
meu peixinho de cada dia



“Deus disse: ‘Que haja um firmamento no meio das águas e que separe ele uma das outras.’ Deus fez o firmamento e separou as águas superiores do firmamento das águas inferiores.”

Gênesis

“Peixes do rio, peixes do mar, ouvi. (...) No dilúvio universal, enquanto os outros animais pereciam, Deus vos conservou.”

Santo Antonio

“O primeiro princípio de todas as coisas, para Tales de Mileto, é a água (idor), que era divina.”

Paidéia: Formação do Homem Grego,
Werner Jaeger

*“Água, irmã que nos refaz,
vital e humilde,
preciosa e casta.”*

São Francisco de Assis

*“— Todo aquele que beber desta água terá sede.
Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de
água, que jorrará até a vida eterna.”*

Evangelho de São João

*“Água, eu te suplico. Por este sonolento
Enlace de numéricas letras que te digo,
Recorda-te de Borges, teu nadador e amigo.
Não faltes a meus lábios no último momento.”*

Jorge Luís Borges

“Como os peixes que ao ficar na terra seca morrem, também os monges que demoram fora da cela ou passam o tempo com pessoas do mundo se relaxam na tensão da solidão. Devemos, portanto, como os peixes do mar, voltar à cela, para não esquecermos, demorando fora, a vigilância interior.”

Apoftegma de Santo Antão, 10

*“Tudo provém da água!
Tudo se conserva pela água!
Oceano, concede-nos a tua obra eterna!”*

Goethe

“O murmúrio das águas é a voz do meu pai. Os rios são nossos irmãos e saciam nossa sede (...) Onde está a mata? Destruída. Onde está a água? Desapareceu. Termina a vida e inicia a sobrevivência.”

Chefe Seattle

*“No meu líquido inconsciente
liberto a angústia dos poetas
dos bêbados e desesperados.
Eu compreendo os incompreendidos,
consolo os que têm sede de justiça,
e aceito (de joelhos) fazer o serviço sujo
de lavar os pés da humanidade.”*

“Piscis”, Luís Augusto Cassas

SUMÁRIO

• Prefácio I: Paulo Urban	11
• Prefácio II: José Mário da Silva	19
• Confissões de Adar	23
• Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário	27
• Os Peixes	29
• Do Livro da Água	30
• O Grande-Peixe da Existência	34
• A Canção da Água Salgada e Doce (Invocação dos Peixes e Crustáceos dos Rios e Mares do Maranhão)	35
• Epístola do Peixe para o Sábado de Aleluia	39
• Oração pelos Rios do Maranhão	41
• Pranto pelo Rio Itapecuru	42
• Carta Natal do Peixe	45
• O Olhar do Peixe	46
• Receita de Peixe-Pedra Frito	48
• Autobiografia de um Peixe Contemporâneo	49
• Ode a uma Lata de Sardinha	50
• O Círculo dos Peixes	51
• A Santa Ceia dos Bagres	53
• O Kharma	54
• O Cardápio do Peixe	55
• Paz, Ciência	56
• Visões do Peixe	57
• Meditação do Imaculado Coração de Maria	58
• A Porta-dos-Peixes	59
• Aqua Pro Nobis	60
• Água-Viva	62

• O Peixe e a Árvore da Vida	65
• Oratório das Ondas	68
• Os Sapateiros	69
• Os Fiéis Companheiros	70
• O Bom Combate	71
• Milagre dos Peixes	72
• O Lava-Pratos	73
• Nova Eucaristia	74
• A Gota D'Água	75
• O Discurso do Peixe na Sinagoga	76
• O Sonho da Água	78
• A Terceira Onda	79
• Elogio da Delicadeza	80
• A Noite Escura da Água	83
• Fogo e Água	86
• Maria: A Outra Face da Alquimia	89
• A Mulher sem Água	91
• A Arca de Noé	92
• A Cruz da Balança	93
• O Prato Limpo	94
• Pérolas do Peixe	95
• O Milagre de Cada Dia	97
• Tábua de Opalina	98
• Ofício da Misericórdia para a Salvação dos Rios	99
• Fotocópia Autenticada do Peixe	102
• Matança dos Peixes	103
• Garrafa dos Peixes	104
• A Despedida do Peixe	105
• Salmo do Peixe de Aquário	106
• Luís Augusto Cassas: Autobiografia Líquida	107
• Epílogo sobre a Água e os Peixes	108

Confissões de um simples pe(s)cador,
náufrago letrado que, por felicidade,
recolheu a garrafa que estava à deriva,
e nela encontrou a *seivalquímica*
que pôde sorver de seus versos sábios,
escritos pela sacra *penapócrifa*
de um *poetapóstolo*:

EVANGELHO DOS PEIXES
para a
CEIA DE AQUÁRIO

Paulo Urban (*)

Fernando Pessoa, expressando-se acerca da sinceridade dos poetas, classifica-os em três níveis: os inferiores, que dizem o que julgam que devam sentir; os médios (entenda-se aqui medíocres), que dizem o que decidem sentir; e os superiores, que dizem efetivamente o que sentem. Também em relação à arte, Pessoa propõe enxergá-la num esquema tripartite: *“O fim da arte inferior é agradar; o fim da arte média é elevar; o fim da arte superior é libertar.”* (...) *“Elevar e libertar não são a mesma coisa”*, prossegue, *“Elevando-nos, sentimo-nos superiores a nós mesmos, porém por afastamento de nós. Libertando-nos, sentimo-nos superiores em nós mesmos, senhores, e não emigrados de nós. A libertação é*

(*) médico psiquiatra, fundador da Psicoterapia do Encantamento, sonetista do aquarismo (urban@paulourban.com.br).

uma elevação para dentro, como se crescêssemos em vez de nos alçarmos”.

Luís Augusto Cassas e sua arte poética, que se faz extensa e bela, estão nitidamente declinados nos graus superiores de Pessoa. Para saber, basta ler com olhos transparentes este *Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário*, destilado alquímico de um poeta maranhense, alma universal, que opera as palavras na incessante busca de uma experiência libertadora e guarda em cada texto uma oração filosófica, generosamente oferecendo-nos a possibilidade sincera de transmutação pela poesia, efetivamente sentida neste ar de devoção sacra que nos (e)leva para dentro, em sua obra.

Cassas é um pisciano nato, de 2 de março, que veio ao mundo, constata-se pela dimensão de seu trabalho, imbuído de uma missão *espiritualírica*. Seu brilhante *eguintelecto*, feito estrela-do-mar, presume-se, já sofreu mil mortes por afogamento nas águas diluvianas, já foi presa de Leviatã, terrível monstro abissal, já esteve engolido por eras a fio no ventre da baleia de Jonas. Já sofreu a absoluta diluição do sal no doloroso milagre da existência, já se deixou hipnotizar pelo perigoso canto das sereias, já viajou nove meses pelos sete mares indo aos quatro cantos do mundo, humildemente aprendendo a arte de nadar e emergir das águas densas com poesias cristalinas, dinamizando mensagens oceânicas em gotas *orvalhalquímico*, capazes de dourar a perdida aurora de Netuno.

Lidando com potências inconscientes, submersas, Cassas adquiriu maestria em umedecer solos estéreis e fertilizar os corações humanos, ensinando-nos a remar sem lágrimas nosso cotidiano rio de sentimentos. Um

poeta estranhamente sedutor, que escreve com sacralidade e sensualidade puras; ao mesmo tempo um misto de “Homero cego-das-ruas” e repentista dos becos históricos de São Luís do Maranhão. Mescla de missionário supra-religioso e de insano arcano do tarô, sem número e sem credo estatutário, Cassas desfila (des)percebidamente atento por todas as igrejas e cartas da vida, por todos os arquétipos e mitos, convocando o panteão dos deuses a prestar auxílio, e todos os povos e mentes a compreender o sublime sermão interior, que podemos ouvir, sempre em oração e poesia, subimos à moda de Cristo nossas bem-aventuradas montanhas.

Cassas ainda é hermético. Sua poesia, mesmo quando despreziosa, num contraponto de si própria, assume muitas vezes um caráter de sabedoria atemporal, porta-voz, ora da espiritualidade gnóstica, ora dos mistérios cristãos ou do esoterismo da cabala judaica. Cassas também proclama em *versimagens*, as ciências proibidas de Hermes Trismegisto, entidade superdotada, mensageiro de Zeus, elo entre o céu e a terra, única divindade franqueada por Hades, príncipe das trevas, a penetrar em seu denso mundo inferior. Hermes, descrito por Homero como “o fiel companheiro dos homens”, é quem nos entrega o tripé da tradição oral: o hermetismo (ensinamentos complexos de sua própria sábia palavra), a magia (procedimentos ritualísticos que se realizam por meio do gesto, da palavra e da vontade) e a alquimia, assimilada de Efesto, artífice deus-ferreiro, que lhe teria ensinado o oculto ofício da transmutação do chumbo em ouro, bem como o segredo da imortalidade. E toda a poética cassiana, conquanto agrade por sua espontaneidade os olhos leigos e sensíveis, encontra-se permeada de poemas alquí-

micos que prescrevem aos neófitos os passos que devem ser dados nas entrelinhas da Iniciação.

Neste *Evangelho dos Peixes*, particularmente, Cassas presta precioso tributo a Jacob Boehme (1575-1624), sapateiro-filósofo, estudioso da cabala e da alquimia, em cuja complexa cosmogonia, concebia Deus como tácita síntese da maior das antíteses, a englobar em sua absoluta natureza, tanto o bem como o mal. “*Que mistério da fé / envolve os sapateiros? Por que velar aos pés / acende no alto os luzeiros?*” Pergunta-nos o poeta que, ao mesmo tempo, diz querer “*ir à festa do céu com sapatos de Boehme*”, ensinando-nos que só no anonimato do *ora et labora*, na humilde condição de quem faz da própria vida devoção, é possível caminhar pela senda reservada da iluminação. E Cassas se imagina calçando os sapatos de Boehme, “*luzidios como hidromel*” (bebida fermentada, açucarado de água e mel, usada em doses terapêuticas desde a Antigüidade), poética alusão ao cristalino Elixir da Vida Longa.

Outro trabalho dotado de extraordinária luz alquímica é a “Tábua de Opalina”; conversão pisciano-aquariana da célebre *Tabula Smaragdina*, ou Tábua de Esmeralda, texto originariamente grego, de cunho erudito, componente do *Corpus Hermeticum*, datado do século II d.C., cuja autoria, desconhecida, é miticamente reputada a deus Hermes Trismegisto. O pergaminho, em verdade, está assinado por Poimandres, alquimista que, em respeito à regra áurea do anonimato, preferiu manter-se oculto por detrás da figura bucólica de seu pseudônimo (*poimén*, em grego, traduz-se por pastor). Traduzido por volta de 1460 para o latim pelo humanista italiano Marcilio Ficino (1433-1499), o segundo de seus 13

aforismos dotados de sutileza e complexidade, adverte: *Quod superius est sicut quod inferius; quod inferius est sicut quod superius ad perpetranda miracula* (assim como é em cima, é embaixo; assim como é embaixo, é em cima, para perpetuar o milagre).

Ora, feito Hermes dos gregos, Cassas promulga em sua Tábua a união das profundezas oceânicas ao espaço sideral; em cima e embaixo são posições opostas e ao mesmo tempo complementos mútuos um do outro, posto que o mar guarda em seu espelho todo o infinito, enquanto as estrelas-do-mar vivem seu pequeno drama, especulando entre si se não seriam elas os fractais micro-cósmicos de um mundo *divinestelar* magnânimo, incabível em sua compreensão.

Opalina, pedra azul, cor do oceano, relacionada ao signo de Peixes, é símbolo do mundo inconsciente. A nova tábua proclama a imagem do planeta Terra navegando feito Grande Peixe pela Via-Láctea, interposta à idéia de que estrelas são cardumes (e suas guelras, asas), fazendo aproximar assim nosso mar desconhecido do cosmos mais longínquo, enquanto transpõe a miríade infinita de seres marinhos para as constelações do firmamento, numa metáfora de *profundilux* revolucionária, característica deste novo movimento literário (que eu chamo de Aquarismo) do qual Cassas é um dos mais expressivos arautos, a lembrar que "*Sem Deus o homem é nada!*", quanto bate seu báculo à entrada do Templo, anunciando o novo Eon que se apresenta, momento em que os peixes, prestes a assumir plano secundário em cena, celebram, satisfeitos, o rito de passagem (da humanidade e da Terra) para a Nova Consciência.

É possível antever a mutação psico-alquímica a operar-se neste futuro que se faz presente, capaz de resgatar pelo anzol da poesia, em águas claras da fonte universal (da qual provém e de onde todos provimos), nossa síntese divina.

Vivemos um momento histórico crítico e libertário, época em que os peixes (e Cassas os percebe humildes e sábios) ufanam-se em socorrer a humanidade, servindo-se a si mesmos às postas sobre mesas postas, oferecendo-nos suas melhores receitas e “boas novas” para a completa remissão das almas que saibam saborear a vida em sentimentos, enquanto ousam beber do cálice do amor em plena Ceia de Aquário.

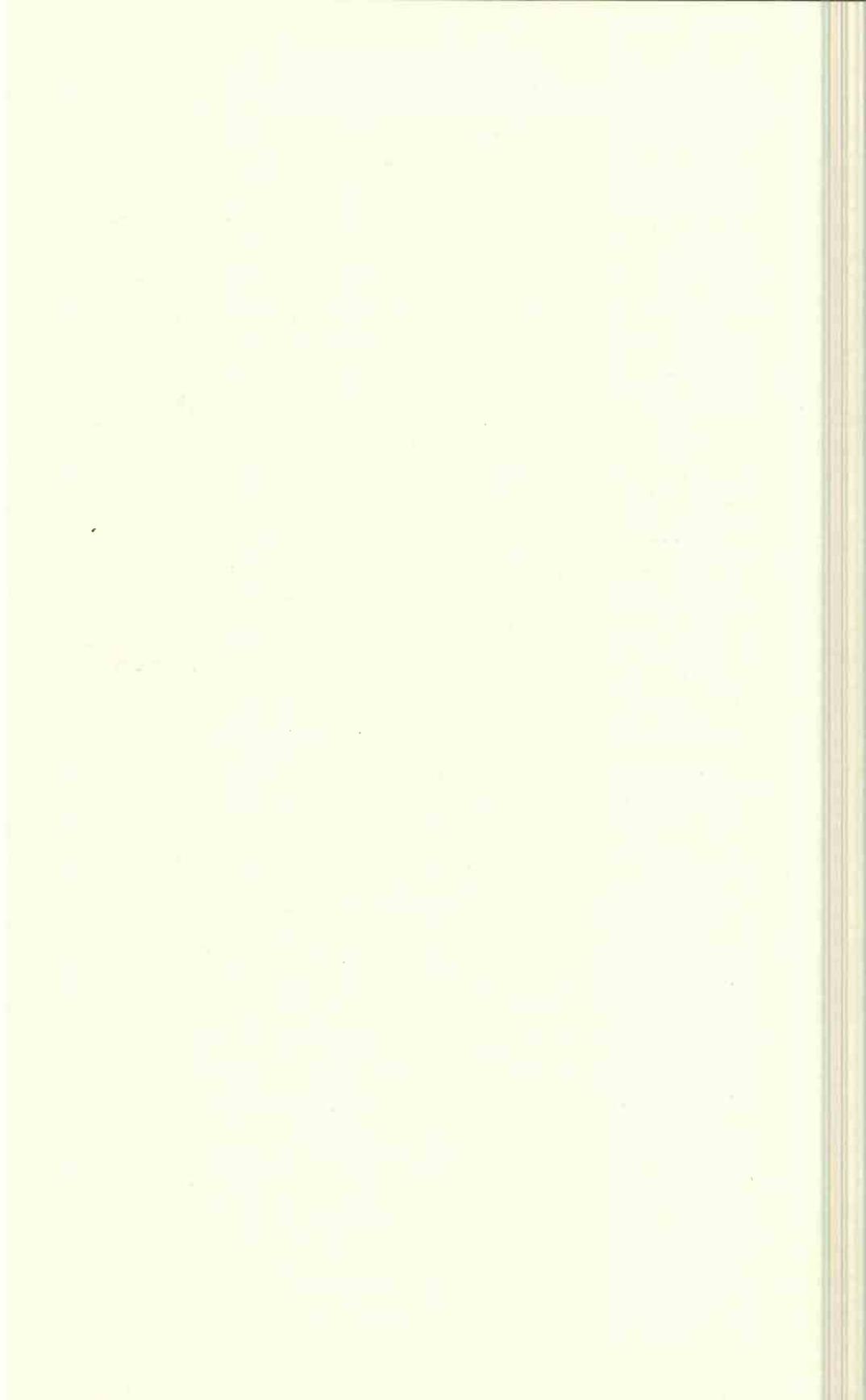
Claro está, impossível capturar o Cassas sem que seus poemas nos saltem pelas frestas d’entrededos. Análises acadêmicas mais revelam sua *insanincompetência* quando pretendem explicar arte e poesia; ora, se a arte de Cassas nos liberta é porque nem sua Obra nem seus poemas, especificamente, deixam-se prender por coordenadas do intelecto.

Devo confessar que ler o *Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário* fez-me afundar em mim mesmo, mergulhar em meus abismos, nadar por mares pessoais desconhecidos; sinto-me ora banhado por um misto de sentimento de espiritualidade e compaixão, molhado que estou pela torrencial queda de suas palavras; flagro-me ainda preocupado com o velho adágio que vem à tona e nos conta que, em verdade, não herdamos esse mundo de nossos pais, senão que o tomamos emprestado de nossos filhos. A escassez de água no Planeta, risco eminente à nossa sobrevivência, reflete profundamente a crua aridez da alma coletiva e nos pede urgentemente

que ajudemos a perfumar o coração dos homens com o Elixir que exala destas páginas. Isto porque Cassas, *apostolalquimista*, deposita esperança na oração solitária, voltada à transmutação pessoal que, associada ao trabalho solidário de levar a chama de nossa vela à cadeia do próximo, cumpre transformar primeiramente o homem e, a partir disso, favorecer a iluminação da humanidade inteira.

A leitura deste “Evangelho” opera-me ainda um milagre natural, faz-me ouvir em meu silêncio a ressonância de um mistério, inunda-me com a sensação oceânica de estar compartilhando de um segredo alquímico, faz-me sentir igualmente aos iniciados de Cristo, responsável pela Pedra Oculta em que um peixe fóssil filosoficamente espera, há *centilhões* de anos, aguardando pelas mãos transmutadoras daquele que o soltará, tal qual faz Cassas com seus livros, para nadar para sempre num aquário de poesias.

Non nobis, Domine, non nobis.



O FOGO NO EVANGELHO DA ÁGUA DE CASSAS

José Mário da Silva ()*

A luminosa lição está consubstanciada na assertiva de Virgínius da Gama e Melo, um dos mais eminentes mestres do ensaísmo literário paraibano: *“Só há uma coisa importante para a crítica literária — é compreender a obra criticada. Não precisa o crítico elogiar nem atacar. Ao analisar, compreendendo, ele dirá tudo. E o leitor compreenderá também.”*

Movendo-se neste intricado labirinto habitado pelo texto, massa lingüística geradora de múltiplos sentidos; pelo autor, que vivencia e transfigura significativas experiências humanas; e pelo leitor, que no silêncio da sua rigorosissimamente individual interação com o texto, assina ambivalentes pactos de cumplicidade e transgressão, está o crítico, munido apenas, no sábio dizer de Antonio Cândido, de cinco falíveis sentidos e um pobre cérebro. Mesmo assim, ciente das suas incontornáveis limitações, sentidos e cérebro que intencionam aprender a essencialidade da obra e seu gesto humano essencial.

“Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário”, novo livro de poemas de Luís Augusto Cassas, mesmo numa leitura despreziosa e desprovida de maior verticalidade hermenêutica, ancora-se, diria mesmo obsessi-

(*) professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Campina Grande(PB) e crítico literário.

vamente, no recorrente motivo da água, com todas as implicações decorrentes do seu ostensivamente fecundo simbolismo; simbolismo que, em meio a outras inúmeras possibilidades conceituais, se nucleariza, fundamentalmente, em torno de três temários básicos: fonte originária de toda vida; instrumento primacial de ascese e purificação do ser; e, por fim, centro regenerador de tudo.

Na poética postulada por Luís Augusto Cassas, a água, tematizada e, mais que isso, transformada em valor primevo da existência, vai, à luz das transfigurações estéticas que lhe impõe o poeta, transitando por todos esses domínios, mesclando-se a outros que o imaginário do autor urde e convoca para reinvenção lírica da sua caleidoscópica experiência humana e estética.

Dessas três instâncias por onde a água agencia o seu itinerário de viscerais transformações, fixamo-nos naquela que, em nosso modo de entender, emblematiza, mais efetivamente, a libertária mundividência do poeta maranhense: a que propõe a ascese e a purificação do ser humano no palco rasurado da sua sempre autêntica peripecia histórica.

A poética de Luís Augusto Cassas, desde a sua arqueologia originária até as sùmulas filosóficas presentes em suas profissões de fé mais recentes, sempre perseguiu, holisticamente, uma utópica unidade da condição humana, bem para além das duvidosas e contraproducentes fragmentações, sempre reducionista e, pior que isso, incapazes de pensar e apreender o homem em sua fascinante e profunda complexidade.

As águas que inundam o credo deste evangelho poético e dão o molho a esta profética ceia de um amanhã em que o poeta acredita e que certamente há de brotar, apesar das interdições de um hoje resistente, falam de Deus e da poesia, face e contraface de uma percepção totalizadora dos fenômenos; do cósmico silêncio e dos gritos que ecoam pelas praças e pelas consciências; do profano e do sagrado; do corpóreo e do etéreo; da morte e vida; da quietude e da celebração; enfim, da vasta e tenebrosa unidade de tudo o que temos e somos.

Eis-nos nas bordas de um mistério insistentemente inquirido pelas revoltas águas da transdialética poesia, que o poeta constrói, consumando-se e consumindo-se. Mesmo sem querermos revalidar a surrada tese de que a literatura é vida e arte é documento mimético do real, postulados em tudo conflitantes com a autonomização do texto artístico defendido por Lotman, não há negar que a travessia poética empreendida por Luís Augusto Cassas parece querer instaurar, nos (des)limites da palavra trabalhada, uma espécie de intransigente compromisso ético com um projeto mais amplo de transformação social; aquele que propiciaria ao homem um reencontro consigo mesmo, com a natureza e com o outro, resgatando-se, desta forma, a essencialidade de um genuíno diálogo, fora do qual o que existe é o precipício, consoante a lúcida assertiva do mestre da crítica literária de base ontológico-hermenêutica, Eduardo Portella.

Poderíamos ainda enveredar pelo código amoroso, pelas sendas da compaixão, ou, quem sabe, pelo apego telúrico que ratifica as indelindáveis vinculações do poeta ao seu povo e à sua terra. O homem e as suas inescapáveis circunstâncias, no eterno dizer de Ortega y Gasset.

É hora, contudo, de concluir, e convidar o leitor para banhar-se nessas águas adoçadas pelo sumo da poesia e do evangelho. E o fazemos citando o verso último desta tessitura afetiva presentificada na Autobiografia Líquida do poeta: *“Treino milagres”*. Bendito milagre, o da poesia, que, em suas águas polimórficas, a tudo e a todos renova, pois como diria Adélia Prado, *“a poesia, a mais íntima, é serva da esperança.”*

Confissões de Adar¹

1

Todo evangelho nasce sobre o signo de comunicar a boa nova.

Mas assim como todo evangelho é suscetível de múltiplas leituras, a história dos peixes é sujeita a muitas interpretações. Sob o signo de Netuno, planeta da espiritualidade e compaixão, e o influxo de Urano, planeta da revolução e da síntese universal, o pescador e o peixe emergem do coração do inconsciente coletivo para celebrarem, à luz da analogia, a aspersão da água-viva despejada pelo aguadeiro, na comunhão de duas Eras, Peixes e Aquário.

2

Peixes é o revelador do oculto e o manifestador da luz. Jesus Cristo encarna o espírito de sacrifício e doação dos peixes, a Virgem Maria também. Profetas e poetas são peixes. Pescadores de homens são peixes. A Era de Peixes revelou a água-viva e a água-pesada. Mas o amor só se concretiza quando a água atinge o sol.

Peixes rege o espírito de compaixão. Aquário, o receptáculo, é o circulador da água universal e o irradiador da solidariedade coletiva, que conduz a humanidade à individuação. Peixes em Aquário é a revolução da

1. Adar: peixe, em hebraico. Período correspondente aos meses de fevereiro e março. Na tradição judaica, é o mês da alegria e da felicidade. Sua força paradoxal ensina que a felicidade só chega até nós quando propiciamos felicidade aos outros.

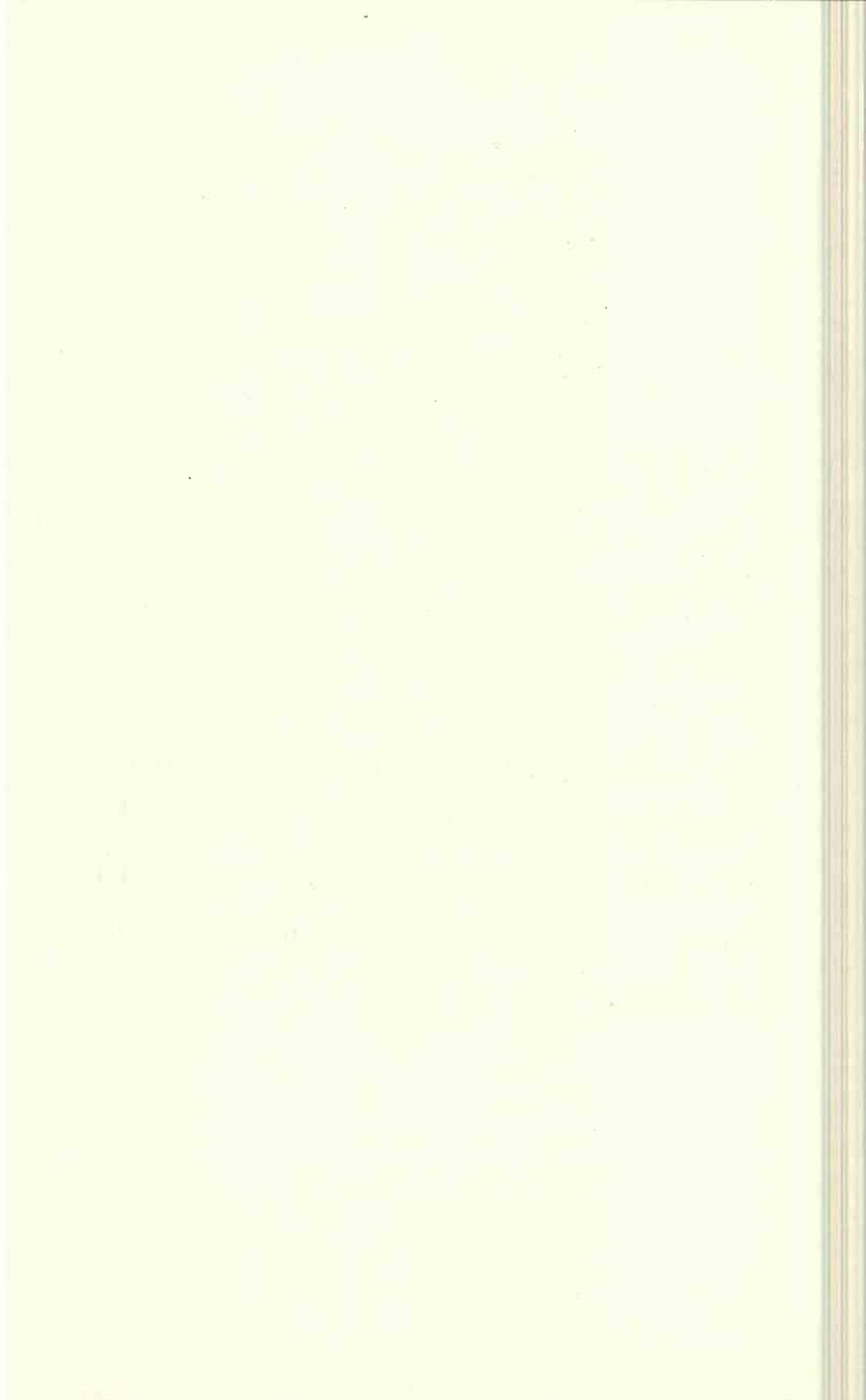
compaixão. O coração da luz banhado pelos rios de água-viva.

Este Evangelho, em sua súplica ecológica e espiritual, pretende ser apenas uma pequena gota d'água no grande oceano da beleza e da verdade. Banhado nas águas fosforescentes do numinoso, é narrado por um outro peixe, que convocou para a missão os peixes do Maranhão.

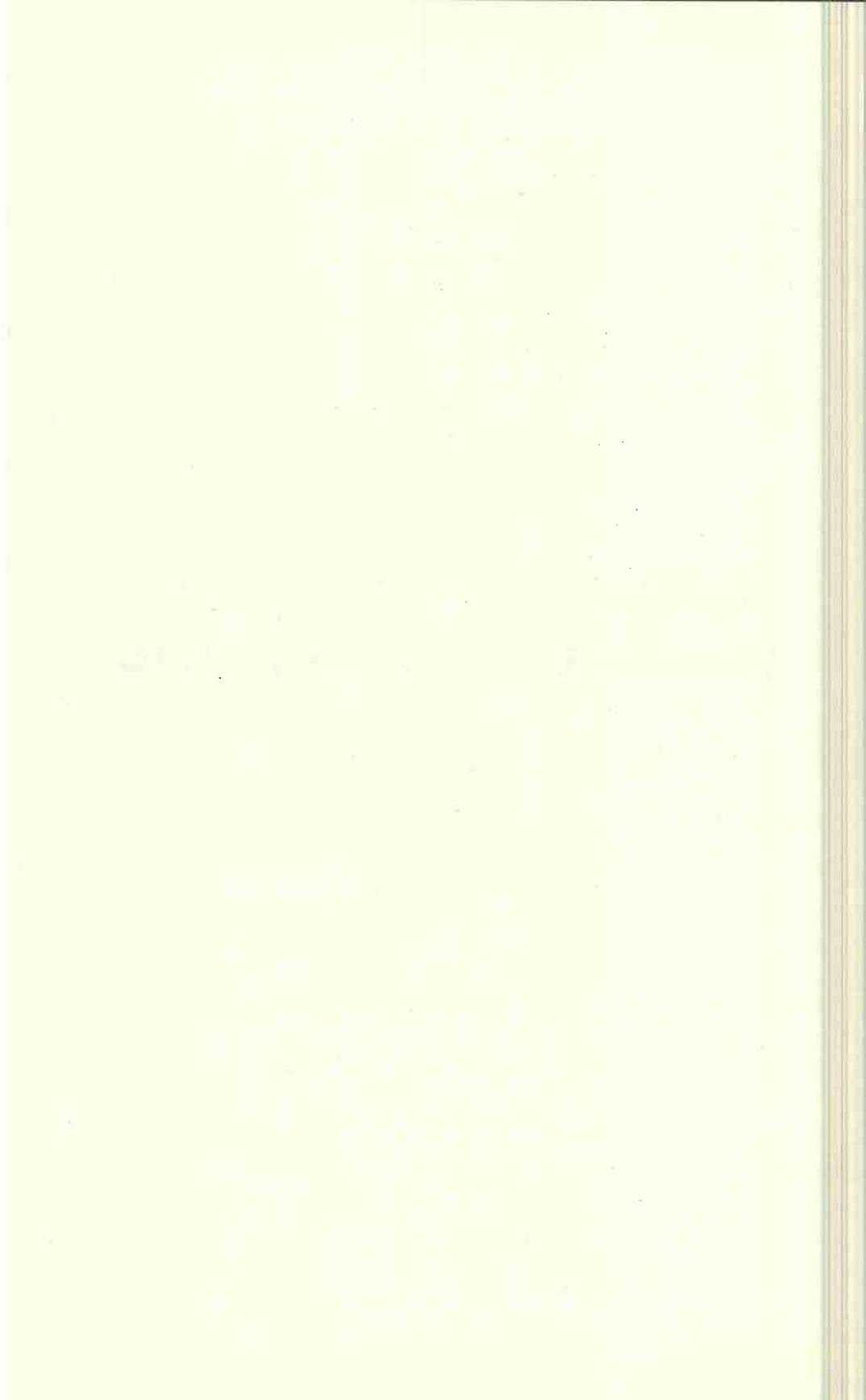
Luís Augusto Cassas



“Este Evangelho, em sua súplica ecológica e espiritual, pretende ser apenas uma pequena gota d’água no oceano da beleza e da verdade.”



**Evangelho dos Peixes
para a Ceia de Aquário**



OS PEIXES

- quem somos nós?
- sóis
- de onde viemos?
- vênus
- pra que viemos?
- netuno
- pra onde vamos?
- urano

DO LIVRO DA ÁGUA

1

welcome
bienvenidos
bienvenus
bem-vindos
ao mar
da vida

2

eis que é chegada
a hora
de se abrirem as comportas:
quem tornar apócrifas
as minhas palavras
julgarei hipócritas

3

todo aquele
que não tiver o mar
dentro de si
não comerá caviar
nem ova de camurupim



4

ouçam a mensagem
da água-viva:
o amor
é a substância ativa
que não deixa à deriva
a vida!

5

eu sou a porta-dos-peixes
quem segue o fio da navalha
e passa no buraco da agulha
terá sempre ao lado a minha figura

6

eu sou o mar da lida
quem se lançar ao coletivo
e entregar às ondas o egoísmo
beberá a taça do ser vivo

7

meus irmãozinhos
precavei-vos dos espinhos:
não sejais bonzinhos
jamais mauzinhos
apenas carinho
como os fiéis bagrinhos



8

meu peixinho
não deixes me afogar
cabraia de linho
vem me salvar
que estou sozinho
neste grande mar
e sou pequenininho
tamanho do grão-mará

9

peixe-serra
dai o sal da terra
mandubé
renovai a minha fé
surubim
tende piedade de mim
curimatá
livrai do medo de amar

10

eis o mistério da unidade:
reconhecer a dualidade
não sentir saudade
e estabelecer nova gravidade
no reino da umidade



11

água da fonte
água da bica
água celeste
água de rosas
água marinha
mineral perrier
H₂O
ora
pro nobis

A G L A¹

12

vinde meus irmãos
aspirai profundo
mergulhai o coração
nas dores do mundo
mas não esqueçais a lição
que vos faz fecundos:
sede a luz no fundo

1. Palavra cabalística a que se atribuí a poder de afastar o demônio.

O GRANDE-PEIXE DA EXISTÊNCIA

todo dia eu te como
super diferente
salada crua
ou sopa quente

todo dia eu te como
maionese e mostarda
natural /defumado
pão e salada

fast-food do todo
hambúrguer da vida
self-service do novo
peixe de água-viva

às vezes receio
engolir a espinha
e viver como Jonas
no ventre da tainha

todo dia eu como
as letras do teu nome
as palavras fritas
saciam-me a fome

A CANÇÃO DA ÁGUA SALGADA E DOCE
(Invocação dos Peixes e Crustáceos
dos Rios e Mares do Maranhão)

1

Ó ÁGUAS DO MARANHÃO

lançai as alvissaras
abri vossas vísceras
trazei vossos peixes
à palma da mão!

jogai no caldeirão
o cheiro e a pimenta
o sol que aferventa
derramai as dores
no azeite e limão!

2

pescada-branca
pescada-amarela
pescada-vermelha
— na própria telha!

tarioba
uritinga
jurupiranga
— com a santa pinga!

sururu
cangatã
jabiraca
— antes da jaca!

bandeirada
arraia
piticaia

— no bar da praia!

camurupim
sarnambi
mandi

— depois dormir!

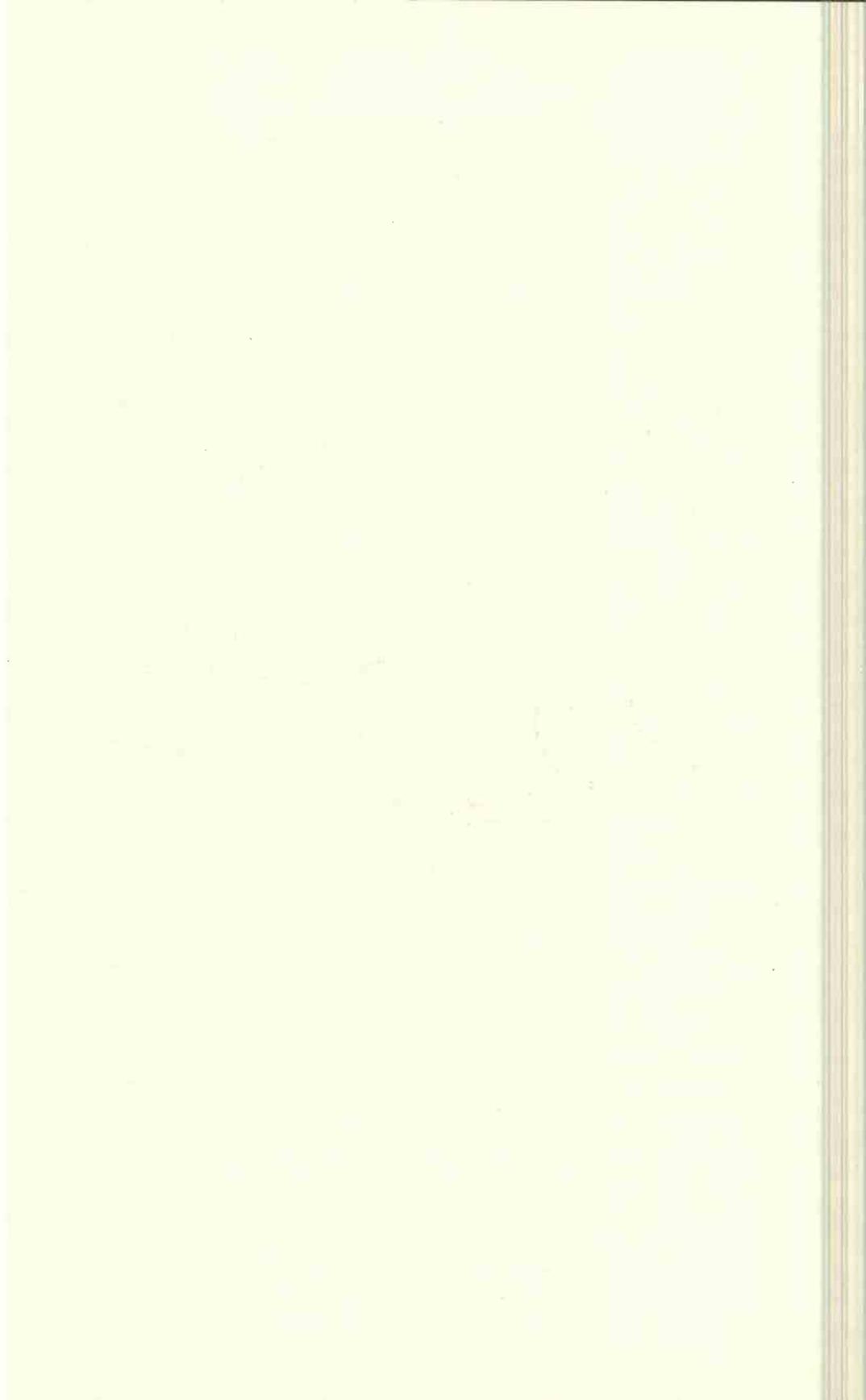
3

glória a vós
ÁGUAS DO MARANHÃO
que nos concedei
o peixe e o sal
do pirão espiritual

mas livrai-nos
do tubarão
e jacaré

que o homem
peixe é
na enchente da sua fé





EPÍSTOLA DO PEIXE PARA O SÁBADO DE ALELUIA

1

Saudações.

Minha profissão é ser peixe: nadar nas águas do inconsciente coletivo, fazer emergir a compaixão. Minha glória, não ser servido, mas servir. Caso não protejais a água, fonte da vida, novo dilúvio poderá desabar de vossos olhos. Ouvi os sinais da garganta. Salvai o sentimento.

2

Sede como o salmista Davi: *“As árvores do Senhor são cheias de seiva, assim como os cedros do Líbano que ele plantou.”*² Apurai os ouvidos à correnteza do Tao Te King: *“Observai a água: ela purifica e refresca, sem privilégio e sem discriminação, a todas as criaturas; a água penetra, destemida e livremente, sob a superfície das coisas; a água é fluida e sensível; a água segue livremente a lei.”*³

Dou-vos de beber a minha água-viva.

3

Vai faltar água no mundo. Peixes e cidades vão morrer. Humanos vão arder na pira funerária da própria aridez e desconsolo. Apenas 1% da água do planeta é potável. Mas vós tendes 2/3 da água do ser. Salvai-vos. Água! Mais água! Fazem coro as pedras. Ouvi a profecia: antes mesmo das catacumbas, sois peixes. Ofertai a outra face.

2. Bíblia Sagrada, Salmo 103, 16, p. 739, Ed. Ave Maria.

3. “O Tao e a Realização Pessoal”, p. 15, John Heider, Ed. Cultrix.

4

Venho das profundezas do 2º Dia da Criação, quando o espírito das águas irrigou o Jardim do Éden e convidou-o a florescer. Minha missão é doce, inda vindo do mar. Protegeei o manancial dos corações, rejeitando o lixo tóxico do orgulho e egoísmo que torna em pântano e corrompe as nascentes. Purificai o espírito. Desejo-vos vida em abundância.

5

Sou o avatar das águas, 12ª casa da astrologia, profundezas e serenidade. Aquele que me procura na escuridão do copo, procura a minha água de beber. Indo ao fundo, salvar-se-á. Sou a sabedoria de Salomão, a via de Thales de Mileto, as lágrimas de Madalena e o peixe de que Tobias queimou o coração e o fígado para resgatar Sara do demônio. Graças e penhor.

6

Lançai as redes que virei até vós aplacar vossa sede e fome de justiça. Cuidado com os tubarões que rondam as vossas águas: vendilhões do templo, poluem a pulcritude. Mas evitai ferir-me com arpões e setas pontiagudas. Reabertas estão as cinco chagas. Vossa misericórdia é o melhor unguento. Crescei e multiplicai o sentimento.

7

Comungai da minha carne em vossas mesas. Azeite e limão, verdade e amor vos alimentem todos os dias da vida. Farinha d'água não vos há de faltar. Refreai a gula. Salvai a alegria.

Eis a minha assinatura:

⋈

Aleluia.

ORAÇÃO PELOS RIOS DO MARANHÃO

Senhor fazei-me generoso
como os rios do Maranhão:
banham o espírito do povo
purificam-lhe a alegria e as dores
matam a sede das crianças
fecundam o pão da esperança
Não permitais que o egoísmo
corte a circulação da misericórdia
aos afluentes e necessitados
Transformai-me em manancial
não em deserto
Que eu saiba dar e receber
Que eu lave os pés daqueles
de quem o destino sujou as mãos
E flua eternamente em mim
o dadivoso suprimento da vida

PRANTO PELO RIO ITAPECURU

meus olhos não vejam
embaciem-me as lágrimas
morrendo de sede
o rio bate asas

meu canto não seja
pira funerária
à lua agoniza
a água-mortalha

grande mururu
escola das águas
lava jururu
a última anágua

líquido amniótico
nilo maranhense
não negues agônico
os seios à gente

chamem o gurupi
socorra-o o flores
que o itapecuru
naufrega em suas dores

se o rio está bêbado
secado o gargalo
mandi e anojado
bebem pra enterrá-lo

se o rio é piranha
velho caramujo
às pardas entranhas
o homem é mais sujo

se o rio é carniça
de sucuruju
à humana preguiça
roem-na os urubus

quem tosquiou o rio
e lançou-o aos cães
vingou o fastio
do leite das mães!

enterrai as canoas
no leito vazio
que ao boi as carroças
farão seu plantio

quem irá pagar
a conta suicida
de exterminar
a água da vida?

benzei as nascentes
orai às correntes
líquido hierofante
seja a nossa ponte

injete a lua cheia
sangue em profusão
circule em suas veias
nosso coração

água de menino
sede de viver
cristal de ouro fino
deixa-nos beber

casa de minha avó
velho mulundu
levanta do pó
o itapecuru

ó maracanã
estádio deserto
o grande xamã
seca a céu aberto

sapo cururu
da beira do rio
o itapecuru
morre a fome e frio

CARTA NATAL DO PEIXE

por Vênus Júpiter e Marte
estarem em gentil enlace
sagrei o amor uma arte

por Mercúrio e Júpiter
acusarem quadratura
sorvi o cálice de angustura

por aspecto tenso
entre Lua e Mercúrio
condenado por perjúrio

por Urano Netuno e Plutão
formarem conjunção
mestre da paixão

O OLHAR DO PEIXE

Terrível é ter faróis acesos
e não vencer a neblina dos homens

O olhar do peixe tem um vazio ancestral
Giram no arco-íris da pupila
os segredos do éter universal
a crônica interrompida de Akasha
peregrinações ao Mar Morto
reencarnações de outros mares
cartões postais de oficiais da SS
quebrando as espinhas de seis milhões
de judeus
sonhos de uma humanidade distante
(uma sede ancestral de outras águas
derrama *lacrima christi* em seus olhos)

Sob os sinais de tortura
quem se deterá para fitá-lo?
Ante a fumaça dos olhos
quem ousará incomodá-lo?
O olhar do peixe é profanador
como os castiçais de Sardanapalo
e belo como um anjo de procissão
enfrentando na igreja o diabo

Observai o marítimo sacrifício
dos campeões do despenhadeiro líquido
Lavai as mãos e a consciência
antes de adentrar-lhe o frontispício:
púrpura kriptonita acrílico
No sepulcro dos frigoríficos
aplaca o kharma o zodíaco

O mar é anterior ao peixe
ou o peixe é anterior ao mar?
Só Rembrandt e Picasso
podem explicá-lo
O estado fundamental do peixe
é ser repartido
Mas só lhe mensuram o cálcio
o ômega-3 o potássio
Que lições herdou
do mar do espírito?
Quantas hidrelétricas iluminam
o raio devastador de seu cobalto?

Às vezes a sua sede explode torres
é quando lança a sua pedra do calvário
com a fúria do cordeiro
para salvar os irmãos de aquário
Mas logo retorna ao mar de transcendência
e o olhar retorna impávido
ao seu canto de finados

RECEITA DE PEIXE-PEDRA FRITO

já fui maldito
já fui bendito
benzido e encruzado
todos os ritos
cozido e assado
no santo ofício
são bukowsky
santo expedito
hoje graal e baal
pimenta e sal
negam-me os votos
querem-me frito

**AUTOBIOGRAFIA
DE UM PEIXE CONTEMPORÂNEO**

pesa-me no suor
a gosto
uma estranha estamparia
no lenço de linho gravado
o rosto
de jesus e Maria

jesus cristo me persegue
sem trégua
por toda a paisagem
já maria me concebe
por mil léguas
em lenços de viagem

eu jesus e maria
sol a pino
trinitária alegria:
luís jesus-menino
pura essência do vinagre
azedando o milagre

ODE A UMA LATA DE SARDINHA

mar enlatado
maná dos deuses
120g de peso líquido
estava escrito
sacias a fome do espírito

O CÍRCULO DOS PEIXES

1

todo peixe
ainda que não use coletes
é salva-vidas

2

todo peixe
tem direito de afogar-se
mas não de lavar as mãos

3

há peixes que são
signos em rotação
uns: vocação
outros: coração
alguns: rasgam dinheiro
outros: luz nos terreiros
mas são os escolhidos
a fechar
o círculo do cordeiro

4

todo peixe
traz nos olhos
a constelação
do Cruzeiro do Sul
é o ferrão de Deus
tocando o gado
para o azul

5

quando eu era menino
pensava ser o peixe mais belo
do planeta água
agora franzino
nem sei se sou o peixe mais singelo
da minha casa

6

meu nome é cristo-shiva
da anunciação
dos jesus-gandhis
ao sol dispor

meu nome é cristo-buda
da consagração
dos hippies e yuppies
do poder da flor

meu nome é cristo-lampeão
do sertão da dor
vingança: fazer o bem
e semear o amor!

7

agora
dai notícia ao povo
quem não assumir o lado peixe
não nascerá de novo

A SANTA CEIA DOS BAGRES
(Litania da Água e Sal)

celebro o amor e a beleza
com pureza e devoção
faço voto de pobreza
só possuo o coração!

O KHARMA

dizem q a tua dor mais profunda
foi a ferida do flanco esquerdo
à altura do coração
a minha: nos fornos de Auschwitz
quando recitava o kadish
à estrela de salomão

O CARDÁPIO DO PEIXE

sexta-feira da paixão:

chá de bardana
à moda samaritana
salada c/ nozes e avelãs
berinjelas e maçãs

sábado de aleluia:

refeição do luto
jejum absoluto

domingo da ressurreição:

sol na mesa
cristo no coração!

PAZ, CIÊNCIA

suma onipotência
homens de ciência
tende paciência
com o rio paciência
suas águas sedentas
loja de inconveniências
escasseiam bolorentas
simpósio de doenças
velhos e crianças
fazem-lhe abstinência
suma onipotência
homens de ciência
dai um copo d'água
ao rio paciência
cessai-lhe a penitência
renovai-lhe as crenças
retornai-o à infância
de límpida essência

VISÕES DO PEIXE

(L.V.S., pescador, 38 anos, morador da Praia do Barbosa)

O primeiro ser vivo parecia uma tainha; o segundo, uma uritinga; o terceiro, tinha a cara de peixe-pedra; o quarto ser vivo era idêntico a uma pescada-amarela em vôo de andorinha

Quanto às faces, pareciam-se com o rosto do que dizem ser homem, mas apresentavam a cara de água, do lado esquerdo, e de fogo, do lado direito, embora tivessem jeito de vento e de terra; apesar dos disfarces, tinham cara de peixe e cheiravam a mar e rio

Então vi a Serpente-de-Sete-Cabeças girar no redemoinho do turbilhão e mergulhar para comer o peixe-pedra e devorá-lo

Aldebarã Régulus e Altair viram quando Fomalhaut, o peixe-astral, desceu e engoliu a cabeça da Serpente

Piranha lavou o Mar de vermelho e Daniel passeou a pé nas ondas sobre as cabeças de mil leões

**MEDITAÇÃO DO IMACULADO
CORAÇÃO DE MARIA**

fogo sagrado da vida
santuário do puro amor
chaga da sabedoria
chama do céu interior

— que luz brilhais no sacrário
farol do humilde e exaltado?
— sede revolucionários
jamais revoltados!

— como refletirmos as flores
do teu arco-íris fecundo?
— substituindo as vossas dores
pelos martírios do mundo!

A PORTA-DOS-PEIXES

Jamais laves as mãos
quando a consciência estiver suja
Ainda que teus dedos apodreçam
adia a hora da água e do sabão
para o exercício da mente tranqüila
Assim quando lavares as mãos
não reterás nada da poeira que pousou
e cearás o alimento dos justos
Ainda que os dentes amareleçam
pela lembrança do amor não realizado
mantém o peito farto e os braços abertos
à correnteza do amor universal
Perdeste um reflexo da imagem
mas ganhaste o coração da vida

AQUA PRO NOBIS

de áries a aquário
em pleno martírio
somos todos peixes
árido santuário
queimando em círios

todo o que cultivar
o amor e o mar
dirá ao mar: abre-te!
e qual afiado sabre
o amar se abrirá!

diz-me senhora:
o que te inunda as órbitas
desrepressa os seios
e resseca a flora?
— o mar também chora!

da onda da discórdia
darei trégua à mágoa
mas quem blasfemar
contra o reino da água
não terei misericórdia!

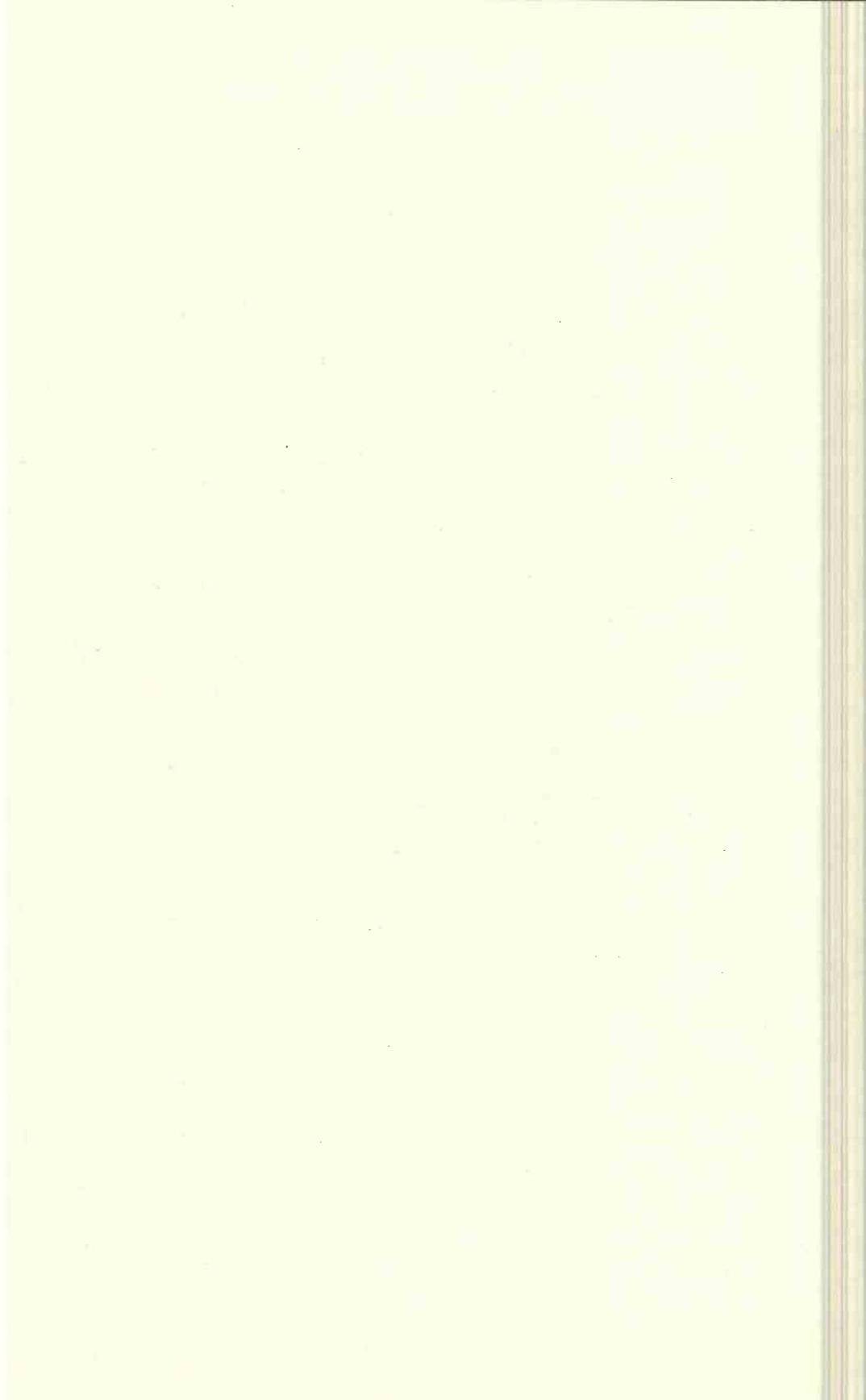
horas de urano
lembrai-vos de sara
fecundou-a um rio
e irrigou o Saara
de nossos infortúnios!

louco stradivarius
tua nota úmida
povoe o relicário:
um aquário sem peixes
não é santuário

ÁGUA-VIVA

Qual o mais alto dom da água?
Qual o mais alto som da cuia?
Que sinfonia pinga na ágora
e afoga toda a amargura?
Sangue suor e lágrimas
chovem em campos de fartura:
umedecem vossas pálpebras
à metafísica da loucura!
Invisíveis mãos de fada
mergulham o ser na ventura:
o mais alto dom da água
é a humildade porventura?
Água-viva em viva água
salva o mar da além-secura:
quem circula em vossa aura
anuncio-vos é a cura!





O PEIXE E A ÁRVORE DA VIDA

1

se queres viver em acordo
com a realidade do todo
separa as águas do lodo.
o que te foi emprestado
devolve-o acrescentado
pois será reutilizado.
o espírito torna ao céu.
a alma regressa ao mundo.
resta o corpo. este é teu.
é na árvore do corpo
— na essência de sangue e ossos —
que florescerá o horto.
frutifica-o sobre a terra
protege-o das daninhas ervas
torna-o inóspito às feras.
nele o eterno vem colher.
essa é a equação do ser.
O resto — pame — é viver.

2

se queres nascer de novo
rompe o mar psíquico do ovo
ergue-te à estrela de fogo
acalenta os pais de novo
carrega as dores do povo.
queres ser amigo do todo?
faz (então) tudo de novo.

3

queres a paz?
 briga com Deus.
 confronta o céu.
 Pai — ser-te-á — mais.
 buscas a guerra?
 aos rios — soterra-os.
 à natureza — fere-a.
 vingar-se-á a terra.

4

árvore da vida
 dá-me a raiz da sabedoria
 injeta-me a seiva do crescimento
 enxerta-me a beleza da alegria
 concede-me o espírito das estações;
 reabilita a minha fadiga
 restaura a circulação do sangue
 nos galhos secos das mãos;
 sê luz sombra e alimento
 transforma-me sem aniquilar-me
 poda-me sem castrar-me
 frutifica cicatrizando-me
 do húmus torna-me humano
 os pássaros me pousem serenos;
 e ao sucumbir na terra
 no eterno fluxo da criação
 seja a autêntica reprodução
 do fruto que cai do céu
 e se reproduz no chão

5

brincam: és a glória da vida
e bela adormecida
mas eu sou é a via
quero é boiar na água-viva
(desfilar de margarida)
molhar todos com minha saliva
brilhar nas safiras e sephiras
pra casar de véu e grinalda
na casa do primeiro salva-vidas
eu sou a vida

ORATÓRIO DAS ONDAS

meu jesus trstinho
meu jesus tristão
convoca o agostinho
são roque e damião
pra sessão-despacho
em minha solidão
que até são longuinho
ficou mais longinho
da coroa de espinhos
do meu coração

nessa eira sem beira
profetas e poetas
têm a mesma têmpera
comem a mesma nêpera
de uma horta ascética
e entre dois ladrões
vendidos na feira
como dois limões
meu jesus cristinho
meu jesus cristão

remexe na feira
do meu maranhão

OS SAPATEIROS

a Américo Sommerman

que mistério da fé
envolve os sapateiros?
por que velar os pés
acende no alto luzeiros?

mesmo os peixes astrológicos
aguadeiros dos artelhos
copiam-lhe o ofício místico
assistindo-os de joelhos

só o calcanhar da virgem
resiste aos calceteiros
esmagando a imagem
do mal sob os tornozelos

meia-sola bate-sola
laboram a noite inteira
talham o couro passam cola
vestem os pés da terra inteira

quero ir à festa do céu
com sapatos de *boehme*
luzidios como hidromel
e palmilhas de cor creme

serão os bons companheiros
da minha trilha descalça
quando tornar-me o herdeiro
de caminhar sobre a graça

OS FIÉIS COMPANHEIROS

se é de áries se aplaque
se é de touro se apresse
se é de gêmeos disfarce
se é de câncer refresque
se for de leão se ataque
mas se é de virgem relaxe
sendo libra tempere
se for escorpião se ferre
se é sagitário arrebate
se for capricórnio trabalhe
sendo aquário segure
mas se for peixes navegue

o esporte mais radical
é vencer o mal

O BOM COMBATE

se você é de peixes se toque
desvie-se dos mares *on the rock's*
seja pescador não isca
jamais se feche em marmita
acenda os seus holofotes
secos e molhados resgate
sua missão é ser bote
tornar-se terra eis o mote
depois relaxe um chicletes
persiga azuis cachalotes
oceanos de antraz e botox
sonhe com novo combate

MILAGRE DOS PEIXES

faraó ambulante
recheado de rosas incenso
cebolas douradas
o peixe frito do bar
segue o destino glorioso
da humilde dinastia

enquanto o olhar de vidro
parece fotografar a capa
d'*O Livro Tibetano dos Mortos*
a faca corta a mortalha sagrada
e rasga a carne de outro peixe

um peixe vivo a ofertar-se múltiplo
num mar de cervejas geladas
a sardinhas e tubarões
sendo a puros — redenção do azeite —
e a incrédulos: espinha atravessada
na garganta

O LAVA-PRATOS

No Dia de São Nunca
São Tomé acompanhou
a procissão dos peixes

Acreditou não porque visse
mas porque jamais sentisse
Os últimos eram os primeiros

O Reino de Deus
morava dentro e fora deles
O mar saltou de suas órbitas

NOVA EUCARISTIA

já foi dito:
se um homem te pedir um peixe
ensina-o a pescar

e eu digo:
serve-lhe um peixe ao escabeche
depois leva-o a passear

A GOTA D'ÁGUA

Desconfia dos que temem a chuva
lavam as mãos sem cessar
e carregam o olhar seco nas estações
Há um rio turvo correndo neles
precisando encontrar a sua nascente!

**O DISCURSO DO PEIXE
NA SINAGOGA**

não sejais
perfeitos
pra que à tona não retornéis
vossos defeitos
em tudo ultrapassai
a cota do profano
mas não sejais divinos
apenas humanos

não separeis
prazer e transcendência:
mas vivei
a transcendência do prazer
e o prazer na transcendência
de tudo fazei
arte e ciência

buscai
sabedoria e amor
mas amai
a sabedoria do amor
e o amor da sabedoria:
seguindo essa romaria
tereis sempre alegria

se disserdes: não!
perdereis o coração!
se disserdes: sim!
sereis atraídos a mim!
seja o ter do ser
vosso viver
e lazer

e eu vos digo
em nome do eterno
não repartir a luz é o inferno:
e a glória que redime
e vence todo o ciúme
é ser sublime

não guerreis
não cloneis
sobretudo não lanceis
jogos de armar
só um peixe
conhece outro peixe
só um mar
conhece outro mar

O SONHO DA ÁGUA

sete anos de fartura
sete anos aziagos
sete peixes sem gordura
engolindo sete pargos

sete anos de espinhas
deixando o mar asfixiado
após sete anos as tainhas
brilharão no mar sagrado

sete anos de tubarão
devorando o mar ao rabo
após sete os peixes-pedra
crescerão multiplicados

sete anos de camarão
ausentes do pau-deitado
após sete o maranhão
por setenta saciado

o sertão vai virar mar
o mar vai virar sertão
fartura do céu virá
nos mares do maranhão

A TERCEIRA ONDA

vós que desafiáis os perigos
— triatletas do espírito
asas deltas do infinito —
combatei sempre o inimigo!

no bem iluminai
o olímpico archote:
em sol transformai
as obras da noite!

tende sempre em mente
a divisa do ente:
com o sinal do peixe
vencereis a serpente!

ELOGIO DA DELICADEZA

“A Sabedoria faz o seu próprio elogio.”

Eclesiástico

A delicadeza
não faz seu elogio.
Serve-se à mesa
sem pompa e estilo:
dispõe os lugares
mostra os talheres
sacia os olhares
mas deixa o espaço
a outros concílios.

A delicadeza
não é prato cheio
é antes o vazio.

Tempos de aspereza
— em verdade — é exílio.

Onde encontrá-la
em meio ao comício
de suposto brilho?

Está não estando
— cuidando dos filhos —

sutil arabesco
desenhando a prenda
de dourado auxílio.

Está na criação
no átrio do templo:
nenhuma inscrição
orna-lhe o evento.

Tecelã da graça
tênue bailarina
gira a bola do mundo
jeito de menina.

Com suas mãos de fada
jamais nos fascina:
alivia-nos a queda
reenvia-nos pra cima.

Está na oração
no reino da água
acalma o leão
libera-nos as garças.
Com as letras do ser
imprime o alfabeto
que as luzes do éter
mostram a céu aberto.

A delicadeza
é massa de pão:
fermento e unguento
move a inspiração.
Resplandece em Séfora
no pousar das ânforas.

Ilumina Ester
destino de conchas.

A delicadeza
opera milagres:
gentil natureza
lavra o azinhavre.
Quando fala em público
não gera tumulto.

Lançado o insulto
veste o branco-luto.

Quais os oito graus
da delicadeza?

pureza? leveza?

beleza? harmonia?

sutil transcendência?

sábia alegria?

suba-lhes os degraus

ajunte-se-lhe a nobreza
o que respiraria?
— Pura poesia!
A delicadeza
é só coração.
Única riqueza:
amar os irmãos.
Em tempos difíceis
de fome de mísseis
em que às virtudes
se toca o alaúde
e o interior lixo
polui o espírito
seu suave ofício
seja o teu vício.

A NOITE ESCURA DA ÁGUA

1

cuidado com a água parada
pra que não a cultivem as larvas
e o mal em bolhas chocado
o inverno atraindo o inferno
em larvas queime o cuidado
porque o amor não é amado

sob a água sob a terra
úmido empoça o passado
multiplica-se o olvido
à luz do sol coagulado
surge o lago putrefato
porque o amor não é amado

anticirculando a linfa
a profundidade empalha
reproduzindo os miasmas
suspira na água afogada
o coração asfixiado
porque o amor não é amado

bastaria uma palavra
anticoagulante e alga
ou a luz da estrela d'alva
constela-se o espelho em névoa
acende velas a treva
porque o amor não é amado

mas onde o amor é amado
brilha o mistério da alba
lava o espírito o intelecto
ressurge a vitória-régia
no coração do regato
circula o céu entreaberto

2

minha santa depressão
padroeira da escuridão
que preces rezas ao coração:
“...amar demais é em vão...?”
ouve a santa compaixão
na liturgia do perdão:
“...os outros amar como são...”
“...amar jamais é em vão...!”

3

quando os ventos do verão
enviarem-te as folhas mortas
quando o antigo caminhão
despencar na fria encosta
quando a sombra da emoção
derramar como compotas
— despejando ao rés-do-chão
mágoas medos e suas polpas —
desperta: é a revisão
que gentil te adentra as portas
acolhe-a em teu coração
curva-te à sábia proposta
findo o prazo à correção
choverá em tua horta

compaixão eis teu mercado de trabalho:
orfanatos feiras penitenciárias hospitais
horas extras c/creches e extraviados
plantão a marinheiros de último naufrágio
mas guarda minuto de precioso tempo
àqueles privados do sol da própria casa
liberta-lhes o fogo apagado nas gargantas
deles o sopro inflará tuas narinas
lançando-te ao oceano mais profundo

FOGO E ÁGUA

devia ter seguido deus
quando disse-me: — sou a estrada!
oceanos correntezas cataratas
seriam os deveres de casa
lavado seria o escabelo
arrancado o espinho da asa
preferi o mistério sem onda
próximo ao deserto que alaga
receia à chama o pavio
consumir-se ao corpo em brasa?
onde desaguaria o rio?
plena — a angústia — encrespava
canoa à praia lançada
sou escombros da água parada
devia ter abandonado o eu
quando disse-me: — tudo ou nada!
mas não saberia o anseio
de ter a alma transfigurada





MARIA: A OUTRA FACE DA ALQUIMIA

eu madalena maria
n'água do mundo piranha
graças à divina entranha
sagrada bela tainha

vim cumprir as profecias
da outra face da alquimia
invocai-me e mediai-me
mercê de nossa rainha

perambulei sete mares
devorando as sardinhas
sete vícios sete azares
alimentavam a carne minha

um dia dormi c/ o sol
numa rede s/ maresia
trespassou-me o seu farol
gozo de pura alegria!

sete anjos amarelos
sacaram as facas da bainha
mataram sete demônios
lançando fora as espinhas

desde então a minha gnose
encontrou a luz da magia
e o corpo liberto à neurose
deu-se ao espírito por cia.

lavai as águas humanos
santificai o profano
seremos o que sempre fomos
gotas do mesmo oceano

renovai a flor
à Virgem Maria
somente o amor
dá sabedoria

A MULHER SEM ÁGUA

vós que buscais o amor
e atravessais desertos até a Ásia
guardai-vos da mulher sem água
sua sede arruinou as fontes
desabará a casa

seu coração é uma ruína
os beijos cemitérios de algas
nos seios dormem escorpiões
o sexo é uma hidra
os cabelos bússolas quebradas

buscai a mulher da água
é a porta e a entrada
o amor e a amada
sua alegria faz renascer
o vôo das águias

cristalina nos sentimentos
acenderá as lâmpadas da casa
é o candeeiro da estrela
chuva no teto de palha
e regará teus passos na estrada

A ARCA DE NOÉ

vão-se os tempos de moab
chegam os tempos de sunab
peixes de segunda
apresentar-se-ão como profetas
peixes de terceira
assassinarão as feiras
cap. ahab cap. ahab
por quem sangram os pulsos do punjab?
após o recenseamento
virá o tabelamento
após os espinhos
as espinhas
preserve a água
perdoe a mágoa

A CRUZ DA BALANÇA

no passado pedia ao céu
subtraísse-me o desespero
pesado haltere que ergo
com a força de maldição
hoje posto a fogo e ferros
reconheço o companheiro
triunfalmente carrego-o
como peso da salvação

O PRATO LIMPO

— quem é o maior
no reino da água?
— é do clã o menor
que afugenta a névoa!

— quem é o deserdado
que nos lava a sina?
— é o doce enviado
das águas de cima!

e de ti são luís
pequena entre os reis
virá o peixe-luz
clareando os mares

virá como um raio
cavalgando o olimpo
fúria do zodíaco
despoluindo o espírito

PÉROLAS DO PEIXE

1

— por que os pobres de espírito
comem à mesa pacamão
e os ricos em seus gordos ritos
mesclam aos vinhos bacalhau?
— apurai o coração
à questão do bem e do mal:
tem origem na digestão
a distribuição do sal!

2

— e o mistério do sexo
e da supraconsciência:
é por escassez ou excesso
que se chega à inocência?
— rasgo do santuário o véu
pra que a verdade amanheça
só chegarão ao reino dos céus
os que têm o sexo na cabeça!

3

— como chegar ao paraíso
exibindo o alvar sorriso:
embriagando-se do ser vivo
ou no avião dos circuncisos?
— voam uns sem pés ou mãos
outros pelo reembolso postal
mas só na reencarnação
chega-se ao juízo final!

4

— por que a doutrina secreta
não foi tornada coletiva:
é exclusiva aos profetas
a promessa da água viva?
— o ouro — segredo do oculto —
escondeu-o tomé o dídimo
pra que no dia de hoje o vulgo
não se escusasse ao dízimo!

5

— qual questão de abstinência
economia ou sutileza
envolve a origem e a ciência
da riqueza e da pobreza?
— está na essência dos loucos
o sortilégio do troco
uns são mendigos do muito
outros milionários do pouco

6

— vige a regra em nazaré
de que o nascido de mulher
pra saciar do espírito a fome
havia de tornar-se homem?
— do céu vale hoje o avesso
no testemunho da fé
muda o homem de endereço
e assume o lado-mulher!

O MILAGRE DE CADA DIA

toma um bule de chá
preenche uma xícara
abastece a tua sede
beija os últimos lábios
breve não haverá mar

eis os sinais dos tempos:
mananciais vão se suicidar
seios murcharão
sangue na fonte vai jorrar

procura na extensão dos ventos
por um só homem sedento
que não renegue o sentimento:
águas voltarão a partilhar
seios amamentarão
nações cessarão de guerrear

toma novo bule de chá
divide-o em doze xícaras
oferta-os aos necessitados
o resto dá de beber aos rios:
sempre haverá mais

TÁBUA DE OPALINA

Terra — Grande-Peixe
navegando na Via Láctea
estrelas são cardumes
guelras são asas
Economize água
à sede das palavras:
— “Sem Deus o homem é nada!”
Azul é a nossa casa

**OFÍCIO DA MISERICÓRDIA
PARA A SALVAÇÃO DOS RIOS**

(o oficiante após a consagração do cântaro com água
benta lança as águas às nascentes)

ó águas de cima
ó águas de baixo
salvai peregrinas
a água e o borracho

daí o dom das lágrimas
aos olhos estreitos
que navegam páginas
de riachos secos

fontes de água viva
sede de belém
lavai a amargura
regai nosso éden

idêntico ao mel
derramado à aveia
ó águas do céu
molhai as areias

batismo de cristo
proclame o louvor
do jordão os ritos
confirmem o amor

ó águas de cima
ó águas de baixo
salvai peregrinas
a águia e o borracho

aceitai o cântaro
de lágrimas puras
firmai novo cântico
a todas as criaturas

águas de maria
vinde resgatar
a misericórdia
do céu e do mar

se rios são artérias
cardumes de veias
limpai as bateias
salvai as aldeias

das nascentes o homem
retornando ao lar
olhos da mãe-virgem
cessem de chorar

ó águas de cima
ó águas de baixo
benzei cristalinas
a madeira e o aço

afogai em lágrimas
os sonhos de guerra
transmutando em água
o sangue da terra

desfraldai às eras
a terra prometida
com o sal da terra
e a água da vida

ó água de cima
ó água de baixo
lavai nossa sina
em cima e em baixo

FOTOCÓPIA AUTENTICADA DO PEIXE

ó sol do universo
grande olho do céu
na luz reproduzi-nos
o amor e o seu míssil
no fogo apagai-nos
o ódio e seu fóssil
dai-nos o consórcio
ser vossos apóstolos
do peixe ou seus sócias

MATANÇA DOS PEIXES

nhoque signo vinte
et hum

mataram todos os peixes
tá faltando um

GARRAFA DOS PEIXES

irmãos do planeta
vençam a correnteza:
antes que a vida crie
fundo de combate à tristeza
salvem a natureza
assim seja

A DESPEDIDA DO PEIXE

companheiros do mundo
não lavem as mãos à minha sorte
deitei a cabeça ao corte
retorno ao mar mais profundo

pesado e revendido
carimbado e consumido
muitos são os chamados
poucos os escolhidos

no caminho da paixão
fiz das tripas coração
asfixiam-me as guelras
na cerimônia da terra

como Richard Wagner
e sua Vestfália
siga entre flores meu ser
ao último Wahalla

lancem logo
às águas a canoa
ateiem fogo
às flores da coroa

aos homens retornarei
incendiário alimento
saciar do espírito a lei
até o final dos ventos

SALMO DO PEIXE DE AQUÁRIO

morre a Era de Peixes
Aquário mostra o rosto
e traz cortado em feixes
sob a luz de Hiroshima
o sol que se ilumina
do olhar do peixe morto

Luís Augusto Cassas: Autobiografia Líquida

nível do mar

primeiro: líquido amniótico velejando no mar de d. miriam + águas de março + são luís do maranhão + vento de purim + alquimia das águas salgadas e doces do rio anil e bacanga + urinar p/ o alto na cara do dr. Moura + o rim da vida + o sal da terra

iniciações primaveris: água benta das igrejas dos remédios e ribamar + magia bíblica: peixe-pedra cozido na água e sal p/ espantar os demônios da água pesada + irresistível vocação p/ salva-vidas + baixa resistência a nado-borboleta + pecado super-original: 6 anos + afogamento da piscina do "litéro português" + renascimento boca-a-boca + intuição de q a misericórdia também era líquida

depois: muita caminhada sobre águas + mar vermelho do amor + inferno hídrico + encontro c/ o falso espírito sto. + necessidade de beber das nascentes nas colinas de golan + sonhos proféticos + lances neuróticos + o dilúvio + a terra quase prometida + inauguração do deserto interior + mistérios líquidos p/ a geração da luz + necessidade de chuvas e transposição de bacias + a água de deus + nadar contra marés de avydia +

treino milagres

EPÍLOGO SOBRE A ÁGUA E OS PEIXES

I

Os muitos jeitos de ser das águas a gente vai acompanhando: neblinas, chuvas, reflexos, cascatas, nuvens, lagos, arco-íris, pores-do-sol, montanhas, rastros de bichos e erosões, orvalho, espumas, repuxos, teias de aranha, flores, cogumelos. Água viva, água universal, água fosforescente do numinoso, mar da vida, mar da lida, água da bica, água de rosas, água marinha, enchente dilúvio, águas do inconsciente coletivo, águas do Éden, lágrimas de Madalena, águas de meninos, Mar Morto, sete mares, *lacrima Christi*, mar de transcendência, gota de suor, rio paciência, copo d'água.

II

As nuvens vão ser a chuva branca que Deus leva pela mão. O pôr-do-sol é apoteose e glorificação da água. A cascata é a mãe do arco-íris. O reflexo e os cogumelos vêm depois das chuvas, não se sabe de onde. Gotas de chuva ou de orvalho, como diamantes, uns grandes, de coroas imperiais, e os do nosso amor diário, aqueles quase invisíveis, sempre menores, nas flores de capim. O namoro secreto da flor com o diamante.

Os reflexos descem das coisas, ficam deitados de costas no chão, olhando para cima, vendo como são bonitos antes de virarem reflexos. Às vezes os reflexos tremem, mas é de medo de que a água se acabe debaixo

deles e afundem no chão, igualzinho que a gente, com medo da morte.

As neblinas nascem antes da luz e da chuva. De velhas, coitadas, enxergam tudo embaçado. Quando vêm de longe, vêm se apoiando, de fracas, nas pedras, nas árvores, até as águas. Estendo as mãos para apoiá-las.

Os rastros dos bichos na areia molhada, no barro, no olho, na memória. O tempo também, quando passa, deixa seu rastro na gente, enruga a cara, as mãos, a alma. A erosão nas pedras, rastro pesado dos séculos, rastro do tempo amargo e silencioso, luminoso tempo feliz. Tempo, animal esquivo, passa quando não vemos, deixando um rastro profundo. Rugas dolorosas...

Cascatas, a pressa das águas, seu tempo que acaba e se lança em véus que o vento em espuma que a luz em névoas que as mãos em arco-íris que os olhos em rendas que a dança em neve que as pedras.

Teias de aranha, mil gotas gêmeas enfileiradas. Armadilhas de luz, como o canto dos pássaros e a lua nova. Águas geométricas, alçapões do tempo incauto.

Os cogumelos são febre da terra ardendo de sol. Flores de terra, nascidos do chão negro que as águas lavam. Sonham seu pássaro, sua borboleta, seu morcego. Bonitos como as cobras, os cogumelos estão arquitetando venenos.

As montanhas se deitam para dormir, como os bois, e se enrolam, como as crianças, de frio.

Noivas do sol, as nuvens vagam como navios serenos, levando aos mares profundos, aos ocos da noite.

Montam montanhas bravas, cavalgam abismos e alturas,
as nuvens, noivas do azul.

Os lagos não têm mesmo personalidade, uns falsos
que eles são. Pelos reflexos, nunca se sabe o que é céu, o
que é água, o que é montanha, o que é ilusão. Pelas
neblinas, os lagos querem fazer-se céu, esses imprevisí-
veis (destino aflito dos poetas e dos que amam).

Orvalho, lágrima da flor ferida. Saudade, orvalho
do coração. Orvalho, lágrima dos anjos órfãos. Saudade,
lua da solidão. Entre mim e você, saudade é um arco-íris.

Extraordinários jeitos de ser das águas.

III

E os peixes? A invocação dos peixes e crustáceos
dos rios e mares do Maranhão: tarioba, uritinga, jupi-
ranga, sururu, cangatã, jabiraca, piticaia, camurupim,
sarnambi, mandi, o simples som dos nomes cria um anda-
mento mágico, beleza em estado puro. Água-viva, peixe-
serra, peixe-pedra, mandubé, curimatã, pescada-verme-
lha, sardinha, tubarão, cachalote, bacalhau, camarão. Este
mínimo produz *maravilhamento e emoção*, faíscas, uma
luz. A poesia vem do modo de dizer do Poeta, ininteli-
gível, ilógico, porém capaz de desencadear um **processo
de conhecimento poético**, significativo e, sobretudo,
comunicante. Então o poema também faz o leitor falar,
emocionar-se, e começar a criar suas expressões, a dizer
seus sentimentos, às vezes totalmente outros e originais.
Uma caixinha de música: você abre a tampa e a música
nasce em suas mãos. Ou porteira: você desenrosca o
arame e ela range nas suas mãos. Música ou alto clamor
insuportável.

O poeta chama atenção para o que ocorre, denuncia, fere vaidades e omissões. Mas insiste em indicar saídas, pistas de sobrevivência humana, de conservação das espécies, de defesa da vida. Não o faz com discurso, mas com a poesia, som e sentido, emoção, comunicação, estímulo e provocação. A tarefa do Poeta é esta: cria e faz criar, ensina a criar, cria na frente e vai deixando um rastro que nos leva junto com ele e para além dele. O tema, o assunto, o motivo, tudo se torna pretexto para a criação, que o Poeta é capaz de andar em todas as direções simultaneamente. O que deseja é salvar o humano, enquanto é tempo: porque as águas ficam órfãs, se os peixes morrem. Águas assassinadas, desertas das formas de vida. Águas assassinas, que tomamos e tememos.

IV

E as cidades? E as ruas? Ruas desertas, violentas como infâncias, silêncios calados de medo. E as crianças? Olhos secos, duros de fome e enganos. Olhos vazados, de esperanças mortas.

Tudo o que é matado, o Poeta levanta. Peixe, rio, retirante, mundo, homem, deuses, sereias, dignidade humana, espírito ávido e sedento, coração de Madalena, olho baixo do Pobre, tudo o que desprezam, ele lamenta, incorpora, cultiva, eleva, vivifica, defende, preserva, cria. Para isso, o Poeta treina milagres, que é urgente. Breve não haverá mar.

O Poeta guerreia, xinga nomes feiíssimos, bíblicos ou eletrônicos, e está semeando mudanças. Provoca reações não porque fale ou peça, mas porque viveu/vive num mundo ainda humano, vibra ao contato daquelas saudades do mundo intacto, do mundo possível, do mundo

em que o homem é irmão do homem, da pedra, do sulco, do sumo, do susto, do gosto, do gasto, do gesto. O Poeta canta porque tem os olhos verdes de esperança.

V

O peixe é translúcido, cor da água e do sol que o transpassa. Peixe não tem imaginação, não inventa caminhos, se repete igual no aquário como no mar oceano. Peixe é alimento dos corpos e do espírito, multiplicado nas mãos de Cristo e antes no embornal do menino que o seguia no meio da multidão, menino marcado escolhido, capaz do gesto salvador, prenunciador do milagre, feito primeiro no coração do menino, depois nas mãos fáceis de Deus.

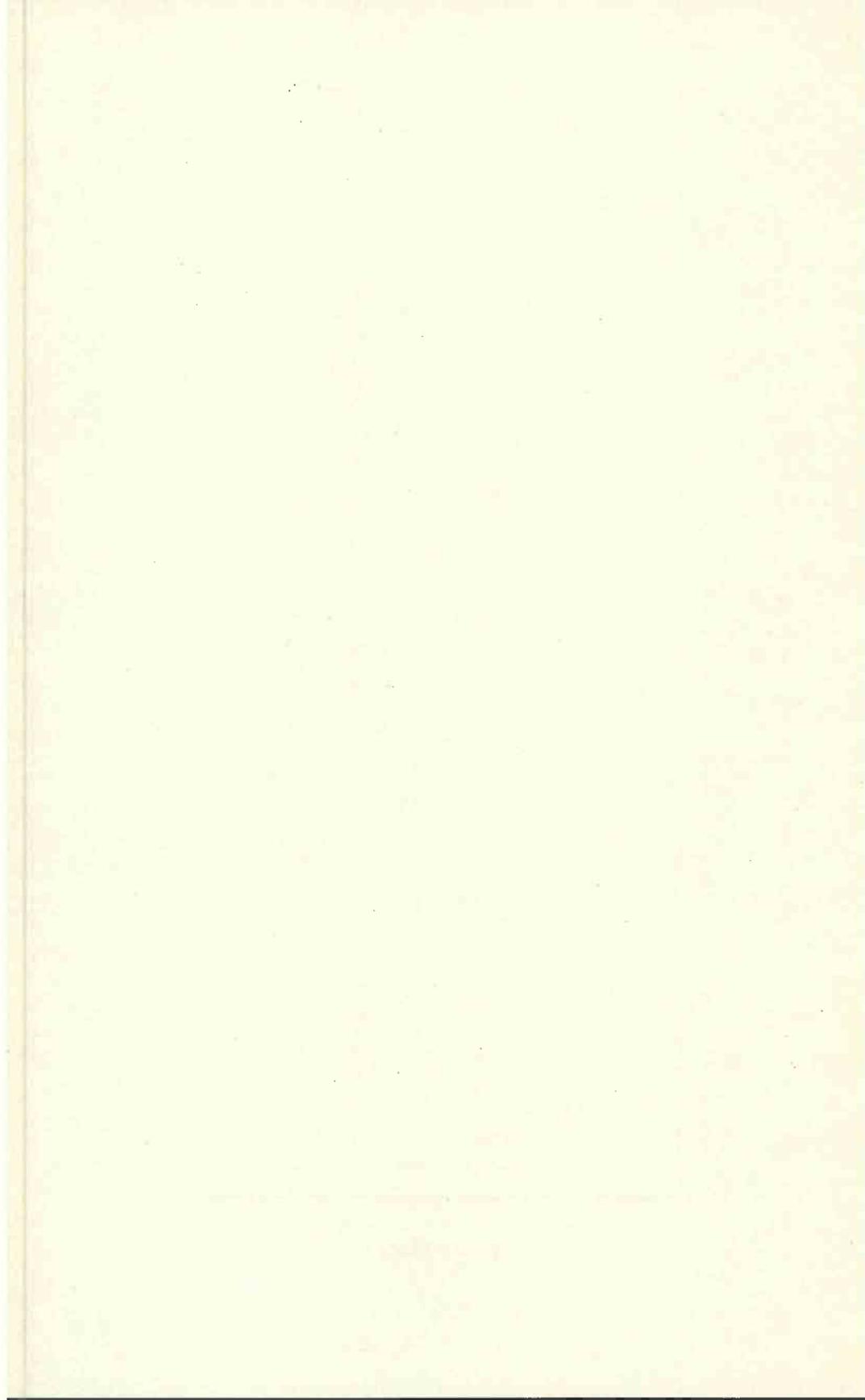
VI

Peixe na água, borboleta no ar, pensamento bom na cabeça de criança, nada deixa rastro, beleza transparente. Tão natural ser bom como ser bonito. Tão natural ser bonito como ser útil.

Deixo a bolsa de valores, deixo as bolsas, saio correndo atrás do Poeta.

Pe. Lauro Palú, C. M.





Preencha uma ficha de cadastro no
www.imagoeditora.com.br
e acompanhe os próximos lançamentos

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA

O NOVO SALMISTA E O SEU AQUÁRIO DE PRECIOSIDADES

Frei Betto

Não sei se louvo aqui o talento poético de Luís Augusto Cassas, evidente nessas páginas, ou se assumo a postura reverencial de quem se depara com um novo salmista.

“Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário” é uma obra de profundo vigor literário e qualidade estética primorosa. O autor literalmente nos convida a um mergulho nas raízes maranhenses que cada um de nós traz dentro de si: *“que o homem / peixe é / na enchente de sua fé”*.

Se o poeta-salmista assume aqui que a sua “profissão é ser peixe”, na precisão do verbo ele resume, como toda boa poesia, seu intuito, como se imbuído, não de uma missão, mas de uma vocação inelutável que brota da mais primeva saudação: *“Minha profissão é ser peixe: nadar nas águas do inconsciente coletivo, fazer emergir a compaixão”*.

O dizer do poeta é sempre recorrente. Como se o exclamar trouxesse toda suficiência do falar. Então, as palavras tornam-se pedras cuidadosamente lapidadas, de modo a revelar tão-somente o brilho de seus significados, sem fraseamento perdulário, nem as amarras da razão a impedir vãos. *“meu nome é cristo-lampião / do sertão da dor / vingança: fazer o bem / e semear o amor”*.

Eis um livro-manifesto, um hino à vida, sem concessões à rima fácil ou aos jargões que traem a identidade poética.

“Irmãos do planeta / vençam a correnteza: / antes que a vida crie / fundo de combate à tristeza / salvem a natureza / assim seja”.

Luís Augusto Cassas demonstra, neste aquário de preciosidades, ter atingido a maturidade literária, sem se deixar levar pelo formalismo em voga dos que nada têm a dizer e pensam que as palavras foram feitas para ter som e não sentido.

“Evangelho” é o título apropriado para essa salmodia. Significa boa nova. Aqui, a novidade é ótima. E salutar.



Esse maravilhoso **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário** que acabo de ler, quanto frescor e quanta beleza; quanta força e quanta unidade; quanta centelha e quanto abismo; quanto caminho amplo e maravilhoso atalho. Alegria rara de observar a floração intensíssima de sua poesia desde a primeira página planetária até a sua deliciosa biografia líquida. Trata-se da força prodigiosa das águas de um oceano generoso que abriga peixes, palavras, astros, relações profundas como aquelas que o fundo marinho guarda para todo o sempre, imagens de grande inconsciência chegando a uma poesia de todo ecumênica, generosa, atenta a todas as formas possíveis e metáforas peregrinas e ousadas comparações.

Nessa pluralidade, já em outro momento denominada de mix, reconheço uma veia pulsante e talvez mais do que todos os poetas contemporâneos uma profunda relação com o poeta russo Khlebnikov em termos de um vigoroso e mágico desrespeito às fronteiras, trabalhando no limiar da possibilidade total das coisas que são ou que parecem. Meu aplauso total, sincero e radical.

MARCO LUCCHESI

ISBN 978-85-312-1022-8



9 788531 210228